

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

THAÍS DE LIMA DA SILVA

**Angola Janga e sua relevância no contexto antirracista das
Histórias em Quadrinhos**

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Angola Janga e sua relevância no contexto antirracista das
Histórias em quadrinhos**

Thaís de Lima da Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Cultura, Educação e
Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Dennis de Oliveira, que, além de aceitar meu trabalho, dedicou seu tempo para me acompanhar na escrita deste artigo.

Aos professores e professoras do curso de Especialização em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

À minha mãe, Joana, mulher negra e cheia de sabedoria, que sempre me incentivou nos estudos.

Ao meu companheiro Caio, que me apresentou o mundo das Histórias em Quadrinhos.

Angola Janga e sua relevância no contexto antirracista das histórias em quadrinhos¹

Thaís de Lima da Silva²

Resumo: Este artigo destaca a obra de Angola Janga (2017): uma história de Palmares, de Marcelo D'Saete, como uma novela gráfica que atua subversivamente em relação à forma com a qual negros e negras vinham sendo representados nas histórias em quadrinhos (HQs) no Brasil. Para isso, foi necessário contextualizar a origem das HQs, bem como as formas de representação de personagens negros, a fim de compreender como se deu a construção da obra a ser estudada e, por fim, destacar elementos importantes a serem considerados em uma obra antirracista.

Palavras-chave: Angola Janga. Marcelo D'Saete. História em quadrinhos. Antirracismo.

Abstract: This article highlights the work Angola Janga (2017): uma história de Palmares, by Marcelo D'Saete, as a graphic novel that acts subversively in relation to the way in which black men and women were being represented in comic books (HQ's) in Brazil. For this, it was necessary to contextualize the origin of the comics, as well as the forms of representation of black characters, to understand how the construction of the work to be studied took place and, finally, to highlight important elements to be considered in an anti-racist work.

Key words: Angola Janga. Marcelo D'Saete. Comic. Anti-racism.

Resumen: Este artículo destaca la obra Angola Janga (2017): una historia de Palmares, de Marcelo D'Saete, como una novela gráfica que actúa de manera subversiva en relación a la forma en que los hombres y mujeres negros estaban siendo representados en las historietas (HQ's) en Brasil. Para ello, fue necesario contextualizar el origen de las historietas, así como las formas de representación de los personajes negros, comprender cómo se dio la construcción de la obra a estudiar y, finalmente, resaltar elementos importantes a considerar en una obra antirracista.

Palabras clave: Angola Janga. Marcelo D'Saete. Cómic. Anti racismo.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, educação e relações étnico-raciais.

² Pedagoga e especialista em neurociência e psicologia aplicada.

1. INTRODUÇÃO

A origem das histórias em quadrinhos (HQs) perpassa diferentes representações semióticas, como as pinturas das cavernas, os hieróglifos egípcios e todas as suas escritas ideográficas, as diferentes narrativas gráficas registradas em objetos como tapetes e peças arquitetônicas e até os quadros da Via Sacra. Entretanto, somente entre os séculos XVIII e XIX, com a expansão da imprensa no mundo ocidental, é que o movimento quadrinístico se destacou como um grande veículo de comunicação, buscando refletir, em suas histórias, situações que estivessem mais próximas da realidade de seus leitores (Vergueiro, 2003).

Embora esse formato de representação midiática seja enquadrado como nona arte nos dias de hoje³, Waldomiro Vergueiro (2004) afirma que "tanto no Brasil como em muitos outros países, as histórias em quadrinhos foram, durante muito tempo, consideradas materiais de segunda ou terceira categoria por parcelas influentes da sociedade". Mas este cenário se modificou ao longo do tempo. Segundo a Associação de Cartunistas do Brasil (ACB), o mercado de quadrinhos mobilizou cerca de 20 milhões de leitores ao mês em 2020⁴.

Diante de uma perspectiva estrutural, Silvio Almeida (2021) aponta que as narrativas das HQs ainda repetem os padrões da Jornada do Herói⁵, que, de certa forma, insistem em representar a figura heroica por meio de um único rosto. E que rosto seria esse? Segundo Almeida, o modo como a literatura ocidental foi constituída atribui os papéis de heroísmo, protagonismo e salvação de povos não brancos ao homem branco.

Contudo, no cenário internacional, personagens como Pantera Negra (1966), Luke Cage (1972) e Miles Morales (2011) ganharam protagonismo em narrativas sequenciais da Marvel Comics, editora que já arrecadou mais de US\$ 2,95 bilhões em quadrinhos desde 1992 nos Estados Unidos⁶. Embora esses protagonistas sejam negros, suas histórias podem apresentar controvérsias em relação à construção de uma narrativa não estereotipada. É o que explicita Ferreira (2020, p. 350), em relação à adaptação da série Pantera Negra (1966) para os cinemas. Segundo o autor, a produção cinematográfica de Pantera Negra (2018) "representa a ideologia estadunidense de guerra e morte", bem como a "visão idealizada do que seria a cultura africana", além de reforçar "o estereótipo de que a África se reduz a um país".

³ HAAG, Carlos. A nona arte. Pesquisa FAPESP, 110ª edição, São Paulo, abr. de 2005.

⁴ VIEIRA, Sérgio. Avanço *geek*. Isto é dinheiro, 1162ª edição, São Paulo, 13 de jun. de 2020

⁵ Monomito ou Jornada do Herói, é um conceito elaborado por Joseph Campbell a partir de um estudo que identificou um padrão nas contações dos mitos ocidentais, publicado em 1949 no livro *O Herói de Mil Faces*.

⁶ CISCATI, Rafael; CORONATO, Marcos; FORTES, Rodrigo; MORA, Gerson; SALOMÃO, Luíz. A guerra dos super-heróis. Época, São Paulo, 6 de ago. de 2012

As representações estereotipadas, de fato, necessitam ser problematizadas, pois, como apontou Adichie (2010), a grande questão com os estereótipos é que eles são incompletos e fazem a história em questão se tornar única. Seguindo esse raciocínio, a escritora ainda afirma que é impossível dissociar esta única história do poder, compreendendo que seus detentores controlam, entre outras coisas, as suas narrativas.

É nesse sentido que Silvio Almeida (2021) também discorre:

[...] a representatividade deve ser entendida não apenas pela inserção de personagens negros nas narrativas, mas pela perspectiva da inclusão de sistemas de pensamento, cosmovisões, mitologias, imaginários, formas religiosas, modos de ver a ciência, entre outros, criados e desenvolvidos por povos não europeus, por povos não brancos, por povos africanos[...].

Almeida complementa, ainda, que é de extrema necessidade "tentar subverter o domínio daquilo que se chamou de cultura ocidental e que invade de maneira devastadora os quadrinhos", assim como em outras formas de representação midiática. Um desses exemplos de subversão é a publicação *Angola Janga* (2017), de Marcelo D'Saete. A narrativa sequencial traz diferentes personagens, explorados em 11 capítulos e totalizando cerca de quatrocentas páginas de histórias em quadrinhos. A produção também conta com alguns anexos que apontam a pesquisa feita pelo autor para construir a narrativa, além de trazer alguns termos que são relevantes para compreender mais sobre os universos cultural, político e histórico de Palmares.

Este presente artigo, portanto, pretende discutir as formas de contribuição que a obra opera acerca da construção de uma narrativa antirracista, na medida em que o enredo de *Angola Janga* (2017) se coloca como um contraponto das narrativas sequenciais hegemônicas. O principal objetivo, portanto, é investigar como esse contraponto se revela na história, de modo a compreender em que medida esta publicação contribui com um embate ao racismo estrutural presente na sociedade e, também, na arte. Para isso, o próximo tópico irá discorrer sobre o autor, Marcelo D'Saete, explicitando sua trajetória como quadrinista enquanto homem negro nas produções das HQs. Mais adiante, a obra será apresentada de modo detalhado, de modo a evidenciar os processos de elaboração, planejamento, pesquisa e contextualização. Por fim, a publicação será norteadada de outras fontes, para que seja possível analisar seu impacto diante do cenário das publicações das histórias em quadrinhos.

2. FUNDAMENTAÇÃO DA OBRA

2.1 O autor: Marcelo D'Salete

Marcelo de Salete Souza (1979), que assina suas obras como Marcelo D'Salete, é autor de histórias em quadrinhos, ilustrador e professor. Estudou *Design* Gráfico no Colégio Carlos de Campos, é graduado em artes plásticas e mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (2009, MAC-USP). D'Salete produz quadrinhos há mais de vinte anos, tendo publicado trabalhos no Brasil e no exterior (D'Salete, 2021). Entre essas publicações, as mais prestigiadas são “Noite Luz” (Editora Via Lettera, 2008), “Risco” (Editora Cachalote, 2014), “Encruzilhada” (Editora Veneta, 2016), “Cumbe” (Editora Veneta, 2018) e “Angola Janga” (Editora Veneta, 2017).

Diante desse contexto, porém, é importante citar que sua história com as narrativas sequenciais começou muito antes. A aproximação com o mundo dos quadrinhos apareceu ainda na infância, quando teve contato, junto com o irmão, com revistas que ambos encontravam na banca de jornal mais próxima, a cerca de três quilômetros de sua casa, na região de São Mateus, em meados da década de 80. O interesse pelo desenho também se manifestou bem cedo, por volta dos cinco anos de idade, quando costumava desenhar em uma lousa no fundo de sua casa. O autor relata que essas experiências o instigaram cada vez mais a buscar uma aproximação com esta forma de linguagem, que se comunica por meio da junção entre texto e imagem. (D'Salete, 2021).

Foi na adolescência, então, que D'Salete decidiu trabalhar com histórias em quadrinhos e ilustrações. No entanto, como não havia ninguém em sua família que trabalhasse nesta área, acabava atuando de forma paralela em outros trabalhos. (D'Salete, 2019). Em um desses trabalhos, D'Salete era *office boy* no centro da cidade, nas proximidades do bairro da Sé. Segundo o autor, que, na época, tinha por volta dos 15 anos, naquele tempo, já era possível perceber as diferentes formas de manifestação do racismo, bem como compreender o papel fundamental de representatividade que as HQs podiam conter:

"[...] Eu, como um garoto de 15 anos, andando por ali, sentia [...] ameaça o tempo inteiro, do aparato policial e das pessoas trafegando pelas vias, desconfiando de qualquer garoto negro que visse por ali. Então você era um alvo, você era visto como inimigo, que é um tema ainda invisibilizado. [...] E eu não via essas coisas retratadas nos quadrinhos, sentia falta disso." (D'SALETE, 2018).

D'Salete ainda afirma que, para confrontar essa realidade, era necessário criar um tipo de sensibilidade, desempenhado pelo papel fundamental da arte. É por conta disso que as

histórias publicadas no início de sua carreira apresentam um contexto urbano, que trazem a sociabilidade a partir de uma perspectiva do jovem da periferia das grandes cidades. A ideia era apresentar o enredo por meio do olhar do jovem negro, falando de temas como racismo, e violência policial, por exemplo. (D'Salete, 2018).

O trabalho inicial com quadrinhos do autor, de certo modo, tem início com a sua forte relação com o desenho, e com a forma de lidar com materiais como lápis, tinta, nanquim e papel (D'Salete, 2021). Sua profissionalização como quadrinista se deu apenas depois, nos anos 2000, quando trabalhou para revistas de quadrinhos que reuniam projetos de vários autores, como a *Quadrecia*⁷ e a *Front*⁸. Foi a partir do contato com profissionais da área e da troca de críticas e experiências com outros artistas que aconteceu a construção gradativa do estilo do D'Salete, experimentada no livro “Noite Luz”. (D'Salete, 2019).

Aos poucos, D'Salete começou a pensar nos enredos que abordavam a história do Brasil. Ainda assim, segundo sua própria visão, ainda faltava o desenho necessário para realizar essas histórias, uma vez que elas implicavam em um cenário não urbano. De forma contextual, no Brasil no século XVII, em meados de 1600, não havia fotografia. O que existia eram apenas imagens de alguns artistas europeus, como Frans Post, Albert Eckhout e Zacharias Wagener, que retratavam as cidades por meio do desenho. Portanto, esses registros apresentavam uma visão europeia sobre esse novo território, o que também implicava com uma visão estereotipada. (D'Salete, 2019).

Marcelo D'Salete também trabalhou no Museu Afro Brasil, o que, em termos de pesquisa, teve um relevante papel na elaboração de seus livros. Sobre isso, o autor aponta que grande parte das informações disponíveis sobre Palmares e sobre o Brasil colonial e escravista, muitas vezes, trata dos fatos de um modo muito quantitativo, considerando o período histórico. Aos poucos, D'Salete foi percebendo que somente os dados não bastavam. Para o enredo que desejava construir, era necessário conhecer o dia a dia das pessoas, a rotina e os conflitos existentes no cotidiano daquele período. (D'Salete, 2019).

Marcelo D'Salete também é um artista muito premiado. Entre suas conquistas, foi vencedor do Prêmio Jabuti 2018, na categoria “Quadrinhos”, com a publicação de *Angola Janga*, e do Eisner Awards 2018, o maior prêmio dos quadrinhos, com a publicação de *Run for it* (Cumbe) na categoria de “Melhor Edição Americana de Material Estrangeiro”. Enquanto artista, Marcelo D'Salete afirma:

⁷ Quadrecia era a revista de histórias em quadrinhos dos alunos Escola de Comunicações e Artes da USP, atualizado para Projeto Quadrecia, um selo de quadrinhos da editora-laboratório Com-Arte.

⁸ A revista *Front* foi, por muitos anos, uma das mais importantes revistas de quadrinhos autorais e independentes do Brasil.

" [...] o momento da premiação, é a conclusão de um trabalho e é um reconhecimento social muito relevante para determinada publicação, para determinado artista, para tal tipo de trabalho. Então muita gente fica conhecendo esses livros, tanto Cumbe e o Angola Janga, principalmente, a partir das premiações e eu sou muito grato por isso". (D'SALETE, 2021).

2.2 A obra

Angola Janga: Uma história de Palmares (2017), é resultado de onze anos de produção, embasada por pesquisas de campo e bibliográficas. Em relação ao título da publicação, Angola Janga era a forma pela qual os palmaristas⁹ se referiam a Palmares. O termo, de origem tronco banto¹⁰, pode se traduzir como "pequena Angola" ou "minha Angola". Possivelmente, essa era uma referência ao antigo reino de *Ngola* em África, origem da maioria das pessoas escravizadas naquele período, e que habitavam aquela região. (D'Salete, 2021). Segundo o autor, introduzir este termo na narrativa se dá pela intenção de se pensar a história a partir da perspectiva de um palmarista, adotando, então, as palavras utilizadas para fazer referência a Palmares. (D'Salete, 2018).

Ao longo do enredo, é possível observar outros termos que apontam essa intencionalidade na perspectiva de um palmarista, como “mocambo”, palavra de origem quimbundo, que, em tradução livre, remete-se a algo como "casa simples". Já na linguagem contemporânea, por exemplo, "mocambo" se refere a quilombo, outra palavra de origem africana, utilizada pelos Bangalas — grupo conhecido por ser extremamente militarizado — para nomear suas aldeias (D'Salete, 2018).

O autor também ressalta a intenção de trazer a concepção da oralidade para sua obra, a fim de destacar a influência africana no português. Dentre essas possíveis influências, está o fato de suprimir o plural na linguagem informal. Essa ideia de contemplar a perspectiva da oralidade também se revela como recurso para destacar as línguas de tronco banto, em que a diferenciação de plural e singular às vezes aparece no início da palavra. D'Salete afirma, então, que tentou trazer essas perspectivas para o livro (D'Salete, 2018).

A publicação conta a história dos antigos mocambos da Serra da Barriga¹¹, expondo narrativas que apresentam a luta dos escravizados, de forma ficcional, mas com base em fatos reais. Além disso, a publicação apresenta vasto embasamento teórico e fortes influências do cinema, da música e da literatura.

⁹ Referente àqueles que viviam em Palmares.

¹⁰ Tronco linguístico que deu origem a diversas outras línguas do continente africano.

¹¹ No período colonial, região pertencente à Capitania de Pernambuco. Atualmente, encontra-se no estado de Alagoas.

A história foi pensada pelo autor por volta de 2004, quando, em um curso no Núcleo de Consciência Negra da Universidade de São Paulo (NCN), D'Salete, juntamente com seu professor Petrônio Domingues¹², refletiu sobre casos para entender a história do Brasil a partir da perspectiva da população negra. A partir dessas reflexões, o autor iniciou as pesquisas, o esboço do roteiro e o estudo do traçado (D'SALETE, 2018).

O enredo é conduzido a partir de um personagem chamado Soares, que, pelos registros históricos, esteve do lado de Zumbi, morto em 1695. A narrativa foi elaborada em torno de quem seria esse sujeito, além de trazer figuras como Zumbi, Ganga Zumba e Ganga Zona. D'Salete optou por colocar esses personagens em primeiro plano narrativo, pois, dessa forma, eles poderiam falar sobre suas angústias, procuras e questionamentos (D'Salete, 2021).

Dessa forma, o autor reitera que, embora a figura de Zumbi seja relevante para a narrativa de Angola Janga (2017), a intenção era explorar o contexto, abordando outros personagens que existiam nessa história (D'Salete, 2018). Nesse sentido, D'Salete destaca que o objetivo principal de produzir Angola Janga (2017) foi "tentar compreender essa história de uma forma um pouco mais rica e complexa, para além de apenas algumas lideranças importantes, tentando construir esse mosaico de possibilidades de leitura de Palmares." (D'Salete, 2021).

A arte da referida narrativa sequencial é detalhada em preto e branco, uma marca do autor. Segundo D'Salete (2021), o contraste do preto e branco sempre foi algo que chamou atenção, pois trabalhar com a composição da página pensando apenas neste contraste, com algumas camadas de cinza, faz com que o leitor tenha todo o universo construído a partir disso, cabendo a ele, compor o restante do cenário com sua imaginação.

Para o autor, era importante, também, que a história fosse conduzida como imagem, muito a partir da perspectiva cinematográfica, pois o modo cinematográfico de narrar também está presente nas HQs. É por isso que, de certo modo, em sua produção, algumas passagens quase não apresentam texto; para ele, "a imagem tem um potencial muito grande para narrar, para comunicar, mas também para trazer de uma forma poética, polifônica, que amplia sugestões de leitura." (D'Salete, 2021).

¹² Petrônio José Domingues; bacharelado e licenciatura (1997), mestrado (2001) e doutorado (2005) em História pela Universidade de São Paulo (USP).

2. UMA OBRA NECESSÁRIA

Graphic novel, comic book, cartoon, gibi, mangá, revista ou história em quadrinhos: essas são algumas das nomenclaturas possíveis para denominar as representações midiáticas definidas como uma narrativa sequencial gráfica, que desenvolve uma história por meio da sucessão de imagens, com ou sem texto, necessitando ser decodificada em uma determinada ordem (Santos, 2019). Para Vergueiro (2003), "de uma maneira geral, as histórias em quadrinhos são veiculadas por meio de diversos veículos e formatos de publicação, cada um deles com características próprias e singulares que afetam tanto sua forma como seu conteúdo".

Estima-se que a arte sequencial surgiu ainda nas paredes das cavernas, quando o ser humano fazia registros do mundo à sua volta por meio de sequências de imagens. O tempo passou e, aos poucos, esta forma de registro foi se modificando. Apenas por volta do século XIX é que as histórias em quadrinhos ganharam força com a popularização da imprensa e dos jornais impressos, dando início ao movimento quadrinístico que conhecemos atualmente (Marques, 2019).

No cenário nacional, os conteúdos tidos como mais comuns nos quadrinhos apresentam traços humorísticos, satíricos e críticos (Santos, 2019). Mas esta concepção vem se modificando diante das publicações atuais, pois as HQs buscam se adequar às necessidades e características de seu público leitor, que é variado (Vergueiro, 2003). Diante desse cenário, é notória a ampliação dos conteúdos publicados, deixando de ser um meio de comunicação exclusivamente humorístico, masculino e branco, para apresentar diferentes gêneros e enfoques narrativos.

Foi nesse contexto que publicações como "Angola Janga" (2017), "Conto dos Orixás" (2019), "Jeremias: Pele" (2018), "Jeremias: Alma" (2020) e Confinada (2021) ganharam destaque. Essas produções, além de serem nacionais, têm em comum temáticas que abordaram as questões raciais, seja por meio de seus protagonistas ou de seus enredos.

Porém, nem sempre as revistas em quadrinhos foram pensadas e produzidas por autores negros, ou por aqueles que procurassem representar o corpo negro de forma não estereotipada. No artigo intitulado "Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil", Neto (2015) reflete sobre as "formas estereotipadas de representação do corpo da mulher negra na sociedade brasileira no século XX". O autor usa como fonte de questionamento três personagens distintas, mas que apresentam certa sintonia em suas criações, "que não apenas autorizava, mas estimulava a representação [...] de

elementos como subalternidade - de gênero e de raça -, falta de inteligência e traços simiescos que procuram acentuar a 'feiura' do corpo negro, colocando sob suspeita sua humanidade".



Lamparina, de J. Carlos, 1924; Maria Fumaça, de Luiz Sá, 1950; Nega Maluca, de Newton Foot, 1995.

Figura 1 - Personagens negras nas histórias em quadrinhos brasileiras. Autor: Marcolino Neto, 2015.

Com a figura masculina negra não era diferente. Sua representação também se dava de forma estereotipada, estampada por meio de traços exagerados e generalizações, além da inferiorização dos papéis desempenhados nas histórias, em comparação com os personagens brancos. Essas formas de representação podiam ser observadas desde o século XIX (Chinen, 2013).



Figura 2 – Giby: o primeiro personagem negro de destaque nos quadrinhos brasileiros. Autor: Nobuyoshi Chinen, 2013.

Diante dessas formas de representação racistas, que aconteceram não apenas na imprensa brasileira, mas de modo geral, é possível afirmar que, durante muito tempo, o formato das artes sequenciais pertencia à hegemonia masculina branca. E, embora seja contraditório — uma vez que esses registros se iniciaram ainda na humanidade ancestral —, muitas linhas de pesquisa associam a invenção das HQs ao autor e ilustrador estadunidense Richard Felton Outcault. É assim, por exemplo, que a criação dessas publicações aparece no

livro "Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos" (2015), de Rogério de Campos. Logo na introdução, o autor destaca inúmeras referências eurocêntricas como possíveis iniciadoras da produção dos conteúdos das narrativas visuais.

Ainda que Campos (2015, p.10) traga referências dos continentes asiático e africano ao falar do primeiro volume de mangás publicado em 1814, das histórias dos quadrinhos japoneses criadas no século XII, do "Livro dos Mortos" egípcio e dos desenhos chineses que se assemelham com as história em quadrinhos que conhecemos hoje, frases como "é apenas questão de tempo para algum arqueólogo encontrar uma estátua de um guerreiro de Xian lendo gíbi 200 anos antes da chamada era cristã", de certa forma, inferiorizam as produções de histórias sequenciais feitas por povos não europeus.

Outra questão, segundo Vergueiro (2012), está no fato de as HQs atuais estarem em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado. O fato é que, embora "as histórias em quadrinhos constituam um gênero complexo, em que elementos narrativos de várias manifestações artísticas ou linguagens são explorados", essas produções "padeceram durante décadas a indiferença das camadas intelectuais da sociedade", já que uma de suas características era a "linguagem direcionada para as massas".

Vergueiro (2012), complementa que:

"[...] os quadrinhos levavam o aspecto de distração a seu extremo, dificultando sua compreensão por parte dos críticos de Arte. Daí, a incompreensão, o estranhamento. Isto também dificultou a inserção das histórias em quadrinhos no ambiente acadêmico, em que eles foram virtualmente ignorados durante boa parte do século, independentemente de seu impacto social."

Outro apontamento relevante sobre as narrativas sequenciais está no fato de a figura do herói, do salvador, da alegoria de alguém que se sacrifica pelos demais, estar sempre presente nos enredos das histórias em quadrinhos de mais sucesso. Nesse sentido, ser negro ou negra, não parece, muitas vezes, compatível com tais expectativas. A questão é que o não conhecer histórias diferentes das que o herói é branco, acreditando que a história negra é apenas uma história que não tem complexidade e que se finda na dor, sem a perspectiva de projetar possibilidades — possibilidades essas que estão inscritas na realidade — é o que aprisiona as formas de pensar para além da realidade existente nos dias de hoje. É por esse motivo que se faz relevante destacar o papel da estética, presente, principalmente, nas representações midiáticas, como em "Angola Janga" (2017), o que pode possibilitar que os sujeitos não brancos pensem em mundos que vão além daquilo que é dado (Almeida, 2021).

3. HISTÓRIA EM QUADRINHOS ENQUANTO OBRA ANTIRRACISTA

Segundo Djamila Ribeiro (2021), “ser antirracista é assumir uma postura incômoda. É estar sempre atento às nossas próprias atitudes e disposto a enxergar privilégios”. A autora também afirma que “a luta antirracista só vai seguir quando desconstruirmos os estereótipos que cabem ao que é ser mulher negra e homem negro”. Neste sentido, é possível compreender que as produções midiáticas, incluindo as HQs, podem corroborar com a luta antirracista, desde que levem em consideração, em sua construção, algumas premissas relacionadas ao tema.

Djamila Ribeiro (2021) também aponta que “não dá para falar de racismo sem falar da história do Brasil, pois o país foi construído usando mão de obra escravizada (primeiro dos povos indígenas e nativos e depois da população negra que foi trazida a força do continente africano)”. Portanto, para que uma publicação nacional possa ser considerada antirracista, é necessário que ela leve em consideração o contexto histórico-social no qual está inserida e que pode vir a ser representado.

A segunda premissa pode ser introduzida a partir do verso de Conceição Evaristo (2008): “o que os livros escondem, as palavras ditas libertam.” É possível refletir, então, que um livro, uma publicação ou uma obra literária, pode ser, ao mesmo tempo, uma ferramenta de opressão ou um instrumento que dá voz aos silenciados. Dessa forma, uma publicação antirracista dará autonomia para que os próprios negros e negras sejam autores de seus enredos, mas que também narrem e sejam protagonistas de suas histórias.

A última premissa diz respeito à necessidade de reconhecer as pluralidades e diversidades de pensamentos e histórias dentro da comunidade negra brasileira, como é apontado por Djamila Ribeiro (2021), que afirmou que, “apesar do racismo estruturante da sociedade, temos narrativas e histórias distintas e plurais. É preciso romper com a estratégia do negro único!”. Assim sendo, as publicações necessitam, urgentemente, acabar com os estereótipos de personagens negros, tão cultivados ao longo dos anos nas obras literárias.

Uma vez que a publicação “Angola Janga” (2017) contempla os aspectos desta tríade, ela corrobora para a luta antirracista e estimula que, cada vez mais, obras antirracistas sejam publicadas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. YouTube, TED, 2010. Disponível em: <<https://youtu.be/D9Ihs241zeg>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

ALMEIDA, Silvio. **Como surgiram os heróis?** YouTube, Silvio Almeida, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/iUoKXQ3TnOg>>. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

_____, _____. **Qual o rosto do herói?** YouTube, Silvio Almeida, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/-HjzUq_HxgU>. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

BIOGRAFIA. **Marcelo D'Salete**, 2022. Disponível em: <<https://www.dsalete.art.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

CAMPOS, Rogério de. **Imageria**: o nascimento das histórias em quadrinhos. São Paulo: Veneta, 2015.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel**: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.27.2013.tde-21082013-155848. Acesso em: 08 jul. de 2022

CISCATI, Rafael; CORONATO, Marcos; FORTES, Rodrigo; MORA, Gerson; SALOMÃO, Luíz. **A guerra dos super-heróis**: os personagens das editoras DC e Marvel travam uma batalha épica – e bilionária. *Época*, São Paulo, 6 de ago. de 2012. Seção: Primeiro Plano: diagrama. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/39/ad/96/39ad96376f30a17ed030e8bbbb3478a3.jpg>>. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga**: Uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

_____, _____. **Com HQ sobre resistência negra, Marcelo D'Salete é indicado ao prêmio Eisner**. YouTube, Jornal O Globo, 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/Q24RKZFy9vs>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

_____, _____. **Entrevista com Marcelo D'Salete - Parte 1**. YouTube, OlimpiadaLP Cenpec, 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/IyduN0xS5Ng>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

_____, _____. **Entrevista com Marcelo D'Salete - Parte 2**. YouTube, OlimpiadaLP Cenpec, 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/IyduN0xS5Ng>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

_____, _____. **Exposição "Marcelo D'Salete – A História Negra em Quadrinhos" no Circuito Sesc de Artes**. YouTube, Sesc São Paulo, out. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/LQxe7OIAxpw>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

_____, _____. **Marcelo D'Salete - Série Encontra - Arte 1 (2019)**. YouTube, Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/K1nr3mqYomQ>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

D'SALETE, Marcelo; VITRAL, Ramon; ZENI, Lielson; **Bate-papo na Ugra** | Angola Janga, de Marcelo D'Salete. YouTube, Papo Zine, 14 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/ThWwR7-2M4Q>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. 1ª edição. São Paulo: Malê, 2008.

FERREIRA, R. A. **Representações, representatividades e dismorfias**: mediação das identidades. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 341-352, 2020. DOI: 10.11606/extraprensa2020.175019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/175019>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

FIORAVANTI1, Carlos Henrique; ANDRADE, Rodrigo de Oliveira; MARQUES, Ivan da Costa. **Os cientistas em quadrinhos**: humanizando as ciências. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702016000401191&lang=pt>. Acesso em: 06 nov. 2020.

HAAG, Carlos. **A nona arte**: pesquisas, arquivo, livro e tese mostram que os quadrinhos ainda mantêm sua importância. Pesquisa FAPESP, 110ª edição, São Paulo, abr. de 2005. Seção: comunicação. Disponível em: < <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-nona-arte/> >. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

HISTÓRIA. **Projeto quadreca**, 2022. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/quadreca/>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. **Entre o grotesco e o risível**: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. Revista Brasileira de Ciência Política [online]. 2015, n. 16, pp. 65-85. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220151604>>. ISSN 0103-3352. Acesso em: 8 jul. 2022.

REVISTA de HQ Front terá edição comemorativa dos 15 anos. **OGrito!**, 17 de ago. de 2016. Disponível em: <<https://www.revistaogrito.com/revista-de-hq-front-tera-edicao-comemorativa-dos-15-anos/>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____, _____. O Boticário apresenta: **Como ser antirracista com Djamila Ribeiro - EP1**. YouTube, O Boticário, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/zLwdJxk3Wz0>>. Acesso em: 16 out. 2022.

_____, _____. O Boticário apresenta: **Como ser antirracista com Djamila Ribeiro - EP2**. YouTube, O Boticário, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/PEMVOpJyvrE>>. Acesso em: 16 out. 2022.

_____, _____. O Boticário apresenta: **Como ser antirracista com Djamila Ribeiro - EP3**. YouTube, O Boticário, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/R3vqWCiekdc>>. Acesso em: 16 out. 2022.

_____, _____. O Boticário apresenta: **Como ser antirracista com Djamila Ribeiro – EP4**. YouTube, O Boticário, 2021. Disponível em: < <https://youtu.be/K7ga6uZK2mE>>. Acesso em: 16 out. 2022.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **O Brasil através das histórias em quadrinhos de humor**. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232019000400153&lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. **As histórias em quadrinhos e seus gêneros I: as origens na esfera do humor e da comicidade**. INFOhome, jul. de 2003. Seção: não está no gibi. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=142>. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

_____, _____. **As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado** - DOI 10.5216/vis.v7i1.18118. Visualidades, Goiânia, v. 7, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/vis.v7i1.18118. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18118>. Acesso em: 9 jul. 2022.

_____, _____. **Gibitecas brasileiras: Um espaço para sonhos**. Omelete, 14 de jan. de 2017. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/quadrinhos/gibitecas-brasileiras-um-espaco-para-sonhos>>. Acesso em: 05 de jul. de 2022.

_____, _____. **O mercado produtor e consumidor de histórias em quadrinhos: alguns subsídios para o trabalho do profissional de informação - parte 1**. INFOhome, jul. de 2003. Seção: não está no gibi. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=139>. Acesso em: 08 jul. de 2022.

VÍDEOS. **Marcelo D'Saete**, 2022. Disponível em: <<https://www.dsaete.art.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

VIEIRA, Sérgio. **Avanço geek: movimentando R\$20 bilhões ao ano, o mercado antes considerado nerd ganha força entre o público e atrai o interesse de empresas**. Isto é dinheiro, 1162ª edição, São Paulo, 13 de jun. de 2020. Seção: Negócios. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/avanco-geek/>>. Acesso em: 05 de jul. de 2022.